



EXPERIÊNCIA COMPARTIDA NO CURTA-METRAGEM
“MULHERES PROIBIDAS DE AMAR”: A FOTOGRAFIA COMO
INSTRUMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DOS ROMANCES
“LUCÍOLA”, DE JOSÉ DE ALENCAR, E “ADAMA DAS CAMÉLIAS”,
DE ALEXANDRE DUMAS FILHO ¹

Helena Beatriz Gonçalves Cavalcante²
Edvânea Maria da Silva³

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar como o conjunto das artes fotográficas e literárias pode ser rico em interpretações acerca da prostituição, a partir de textos literários como “A Dama das Camélias” (1997), de Alexandre Dumas Filho, e “Lucíola” (1988), de José de Alencar, bem como da fotografia do documentário “Mulheres Proibidas de Amar” (2019), produzido por alunos do Curso Integrado do IFPE, campus Recife. Investigar o sexo pago, tema principal do documentário, pode ser revelador em diversos aspectos. Nesse sentido, e para amparar essa discussão, buscaram-se autores importantes (alguns, inclusive, com lugar de fala), a exemplo da ativista e escritora Gabriela Leite (2008), Swain (2011), Barthes (1980) e Canabarro (2005). O resultado esperado foi revelador de como as escolhas estéticas dos alunos-autores, a exemplo do posicionamento da câmera, do plano fotográfico, da edição das imagens, adensaram a construção das personagens e como tais escolhas ligam-se a um modo particular de percepção, de uma maneira de ver, moldada em toda a experiência social.

Palavras-chave: Literatura, Fotografia, Cinema, Prostituição, Visibilidade.

INTRODUÇÃO

“[...] Ideologicamente as mulheres são o sexo, inteiramente sexo e utilizadas neste sentido” (GUILLAUMIN, MARS apud SWAIN, 2011, p. 7). É o que diz a socióloga e feminista Colette Guillaumin em uma discussão sobre ser mulher, das “funções sociais femininas” e prostituição.

É a partir da assertiva dessa autora que se inicia a presente discussão, buscando dar visibilidade às prostitutas, vendo-as muito além do papel de amante sexual. Essa percepção não começa apenas no presente momento visto que, no século 19, autores importantes já haviam

¹Esse artigo é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), *Campus Recife*;

² Estudante na modalidade técnico-integrado do Curso de Saneamento Ambiental do IFPE, hbgc@discente.ifpe.edu.br;

³ Doutora em Letras, orientadora da pesquisa e professora no IFPE, edvaneamaria@recife.ifpe.edu.br



discutido sobre essa temática, a exemplo do francês Alexandre Dumas Filho, em “A Dama das Camélias”, e do brasileiro José de Alencar, em “Lucíola”. O que se propõe é ir um pouco além e ver essas mulheres, ricas em particularidades e histórias de vida, sob a ótica também da fotografia e do cinema, a partir de uma representatividade nessas artes. Para que tal análise fosse feita, primeiro necessitava-se conhecer mais sobre o universo da prostituição. Antes, entretanto, convém apresentar as supracitadas obras, bem como o documentário que nelas se inspirou: “A dama das Camélias”, de Alexandre Dumas Filho, que conta a história de Marguerite, uma cortesã francesa de alto padrão do século 18, e que se relacionava com importantes personalidades da sociedade da época; “Lucíola”, de José de Alencar, que narra a vida de Maria da Glória/Lúcia, que vivia na corte carioca e gozava de luxos e notoriedade social; e o documentário “Mulheres proibidas de amar” (2019), que mostra a vida de três profissionais do sexo da cidade do Recife, e contam um pouco sobre sua vida profissional e pessoal.

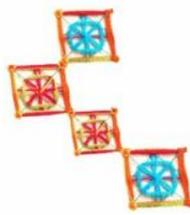
A escolha desses textos literários se deu, principalmente, porque

Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. (TODOROV, 2010, p. 77).

“Filha, Mãe, Avó e Puta” representa de forma clara o que é dito por Todorov. Com a narrativa de Gabriela Leite, foi possível entender o seu próprio percurso como profissional do sexo, seus sentimentos e suas memórias e, também, compreender a experiência humana que não só ela viveu, mas também que viveram as personagens (fictícias ou reais) dos textos literário se fílmico que compõem o corpus desse trabalho.

Apresentações feitas, convém dizer que foi realizada uma busca, a partir de literatura disponível, sobre o processo histórico que envolve mulheres e prostituição. De posse dessas leituras, iniciou-se a análise do corpus. A escolha em trabalhar com a fotografia do documentário se deu porque, no conjunto de imagens que traduzem o mundo, ela pode servir como uma alternativa a mais de leitura da realidade (CANABARRO, 2005, p.26).

Ainda com relação à importância da fotografia, Roland Barthes (1980, p. 15) defende que “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Esta análise feita por Barthes permite ao leitor perceber a importância do registro de um momento único que só a fotografia pode proporcionar, além de permitir a possibilidade de interpretações diversas. É a partir da compreensão do que defende esses teóricos que esse trabalho se debruça.



Para estruturar essa investigação, foram traçados quatro objetivos, sendo eles: decompor o curta-metragem em unidades fotográficas; apontar confluências e/ou divergências entre a imagem técnica, especificamente a fotografia do curta-metragem e os textos literários, identificando os mecanismos utilizados pelo fotógrafo, dentro das possibilidades oferecidas pelo seu suporte físico, a saber, o celular, de captar e interpretar uma subjetividade de outra media, no caso, a escrita, observando, ainda, como o instante fotográfico pode ser revelador do papel da mulher na contemporaneidade.

Diante do percurso traçado para compreensão do universo da prostituição e de suas representações, ora ficcionais, ora reais, percebeu-se a necessidade de recorrer ao estético, a fim de realizar uma discussão mais plural para o desenvolvimento da presente pesquisa. Para tanto, apoiou-se em Plaza (2003, p. 38-40) para quem “Na ciência, busca-se a constituição de uma significação precisa; na arte, privilegia-se a multiplicidade de significações”. Tal pensamento está em consonância com a temática da prostituição, vivida por mulheres com trajetórias de vida peculiares e pertencentes a contextos sociais, históricos e culturais diversos e que, portanto, só podem ser compreendidas a partir de múltiplas significações.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos anteriormente citados, foi usada a metodologia da análise de fotogramas de obras cinematográficas que retratassem a prostituição. Nesse sentido, lançou-se um breve olhar crítico sobre as produções fílmicas “O céu de Suely” (2006), de Karim Aïnouz, e “Jovem e Bela” (2013), de François Ozon.

O filme do brasileiro retrata a vida da garota de programa Suely, pertencente a uma classe social menos abastada e moradora do interior do Nordeste. Suely foi abandonada por seu companheiro, o pai da criança, e, sem apoio do ex-companheiro, decide se prostituir para conseguir o seu sustento. Já no filme de François Ozon, Isabelle é uma jovem da classe média que se prostitui por prazer e para ter independência financeira.

A referência a essas obras se deu a fim de perceber contextos que retratassem o mercado de sexo pago em diferentes contextos socioculturais. O passo seguinte foi a seleção de três fotografias (imagens) de profissionais do sexo da cidade do Recife, retiradas do curta-metragem “Mulheres proibidas de amar”, e o diálogo com as prostitutas da elite parisiense e carioca do século XIX, personagens representadas nos clássicos da literatura mundial, acima citados.



Nos textos, é perceptível a preocupação das mulheres com a vaidade, tanto na forma de se vestir, quanto com a maquiagem. Essa preocupação com a beleza também pode ser percebida na narrativa de “A Dama das Camélias”, no seguinte trecho:

Estava elegantemente trajada: envergava um vestido de musselina todo rodeado de rendas, um xale da Índia quadrado, bordado com ouro e flores de seda nos cantos, um chapéu de palha italiano e apenas um bracelete: uma grossa corrente de ouro cuja moda iniciava-se naquela época. (DUMAS FILHO, 1848, p. 31)

Mesmo que os contextos sociais, culturais e, principalmente, financeiros evidenciem diferenças na forma de se arrumar, é natural a percepção da vaidade, visto que esse seja um (provável) traço presente nas profissionais do sexo. Há, sem dúvida, o culto ao corpo e preocupação com a forma de se vestir, quer seja para seu próprio bem-estar, quer seja para a boa apresentação em seu serviço.

Deste modo, conclui-se, a partir da comparação entre as personagens literárias e as entrevistadas no documentário “Mulheres proibidas de amar”, haver momentos em que as narrativas se cruzam, quer seja nos ambientes que se encontram, quer seja no comportamento das mulheres apresentadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como objeto de estudo, utilizaram-se frames retirados do documentário “Mulheres proibidas de amar”, nos quais podem-se perceber algumas distinções entre as personagens das obras literárias em análise e as que compõem a produção audiovisual, a exemplo da classe social, do local de atuação, do modo de vida e da idade.

Durante todo o processo de pesquisa, tal qual o segundo objetivo proposto, foram apontadas confluências e/ou divergências entre as obras comparadas. Por exemplo, a partir da fala de Rejane, uma das entrevistadas no documentário, podemos perceber que sua narração difere totalmente do que é mostrado na vida de Marguerite e Lúcia/Glória, já que para Rejane a sociedade não merece satisfações de sua vida, enquanto as cortesãs do século XIX aparentam dar muita importância à imagem que a sociedade tem delas.

Observe duas dessas imagens:



Figura 1 - Tatuagem no antebraço de Rejane.



Fonte: curta-metragem “Mulheres proibidas de amar”

Figura 2: Tatuagem no braço esquerdo de Rejane



Fonte: curta-metragem “Mulheres proibidas de amar”

As tatuagens apresentadas nas imagens acima, em plano detalhe, evidenciam a composição da identidade de Rejane. Na primeira imagem, há o símbolo da banda inglesa *The Rolling Stones*. Produzida, originalmente, pelo designer John Pasche, em 1970, tinha como objetivo mostrar um ícone que demonstrasse ser “sexy e contestador”.

Com maior ou menor intensidade, provavelmente é assim que o senso comum percebe as profissionais do sexo, e talvez até mesmo como Rejane se reconhece. A segunda tatuagem representa o personagem Zé Carioca e foi criada pela Disney. A partir de uma análise um pouco mais aprofundada sobre a significação das tatuagens desse personagem, Cardoso (2016, p.6) observa que:

A personalidade do personagem, os aspectos visíveis que compõe seu caráter individual, as qualidades que o diferenciam de outros personagens, é o que realmente interessa a quem traz sua imagem no corpo. (...) Na maior parte das



narrativas de histórias em quadrinhos ou desenhos animados, esses discursos e ações reafirmam determinado traço da personalidade: (...) a preguiça de Zé Carioca é reafirmada em cada fala dos personagens Nestor e Rosinha.

No entanto, o personagem referido não tem somente a preguiça como característica. Historicamente, a ideia de um personagem do Rio de Janeiro era mostrar o “jeitinho brasileiro”, de quando se resolve tudo, mesmo que com “malandragem”. Será que esta profissional também se vê assim, ou seja, com a capacidade de dar um jeito nas situações vivenciadas por ela no dia a dia?

Uma comparação relevante entre esta profissional do documentário e aquelas dos textos literários é que a primeira afirma não “ligar” para o que a sociedade pensa a seu respeito, tampouco sobre seu comportamento. No entanto, e talvez devido aos quase dois séculos que separam essas narrativas, observa-se uma postura diferente encontrada na obra “Lucíola”, de José de Alencar:

Há certas vidas que não se pertencem, mas à sociedade onde existem. Tu és uma celebridade pela beleza, como outras o são pelo talento e pela posição. O público, em troca do favor e admiração de que cerca os seus ídolos, pede-lhes conta de todas as suas ações. Quer saber por que agora andas tão retirada; e não acha senão um motivo. (ALENCAR, 1988, p. 53.)

Nesse trecho, ilustra-se uma crítica à alta sociedade fluminense do século XIX, quando o narrador alega que “há certas vidas que não se pertencem” e relata que algumas pessoas vivem apenas de impressões causadas na sociedade e, por isso, precisam “prestar contas” de suas ações; diferentemente, por exemplo, do comportamento adotado por Rejane. Desse modo, pode-se perceber que, juntamente com os frames retirados do documentário “Mulheres proibidas de amar”, é possível tecer uma rede de comparações entre o documentário e as obras literárias e destes com a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível observar, todo o processo de análise de obras que retrataram questões sobre a prostituição foi de total importância, pois refletiram diferentes percepções acerca dessa profissão que a sociedade parece não (re)conhecer. Assim sendo, reafirma-se a importância da presente pesquisa, que buscou dar mais visibilidade a um grupo que vive há tanto tempo à margem da História.

Foi possível perceber, ainda, o quanto a interpretação de fotografias retiradas do documentário “Mulheres proibidas de amar” pôde ser reveladora de como as escolhas estéticas



dos alunos-autores, a exemplo do posicionamento da câmera, do plano fotográfico, da edição das imagens, adensaram a construção das personagens.

Acerca dessa importante questão, Chartier (1993, p. 407) observa que a imagem passou a ser apreendida como documento histórico, ou seja, as propriedades técnicas, estilísticas e iconográficas ligam-se a um modo particular de percepção, de uma maneira de ver, moldada em toda a experiência social. Sendo assim, as prostitutas inseridas no documentário, e por consequência nas fotografias, fazem parte da História e têm o seu cotidiano analisado a partir da subjetividade dos realizadores do filme.

Para finalizar, é importante ressaltar que, através da fotografia, esta pesquisa cumpriu seu objetivo maior: ressignificar os clássicos da literatura universal, a saber os romances “Lucíola” e “A dama das Camélias”, proporcionando ao leitor a quebra de paradigmas sobre a prostituição, bem como a visão machista e retrógrada sobre a mulher, mais especificamente, a profissional do sexo. É importante ressaltar, ainda, que, “Filha, Mãe, Avó e Puta...”, umas das relevantes leituras dessa pesquisa, representou um aprendizado, um despertar crítico proporcionado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC): “Não aceito a visão moralista de que uma mulher séria é aquela que tem um único homem e passa a vida recatadamente cuidando dos filhos” (LEITE, 2008, p.106).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 12^a ed., São Paulo: Ática, 1988. (Bom Livro).

BARTHES, Roland. **La chambre Claire**. Ce que la Photographie reproduit à l'infini n'a eu lieu qu'une fois : elle répète mécaniquement ce qui ne pourra jamais plus se répéter existentiellement. Éditions de l'Étoile, 1980.

CANABARRO, Ivo. 2005. **Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações Estudos Ibero-Americanos**, vol. XXXI, núm. 2, dezembro, pp. 23-39 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.

CARDOSO, João. 2016. **Tatuagens e Histórias de Vida: o personagem na construção da identidade [1]**. Associação Nacional dos Programas em Pós-Graduação e Comunicação. Goiás, p. 1-30.

CHARTIER, Roger. Verbete Imagens. In: BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 407.



DUMAS FILHO, Alexandre. **A Dama das Camélias**. Prefácio de Alfredo Mesquita. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEITE, Gabriela. **Filha, Mãe, Avó e Puta**: a história da mulher que decidiu ser prostituta. São Paulo: Editora Objetiva, 2008.

MULHERES proibidas de amar. Direção: Helena Beatriz Cavalcante, João Victor Arruda e Maria Eduarda Rodrigues. Roteiro: Helena Beatriz Cavalcante e Maria Eduarda Rodrigues, 2019, 8min, son., color.. Disponível em: <https://youtu.be/YnAOhl-2CYY> Acesso em: 20 abr.2020.

PLAZA, J. Arte/ciência: uma consciência. **Revista ARS**. São Paulo. v.1 n.1. p.37-47. 2003.

SWAIN, Tania. 2011. **Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: a mãe, a prostituta, alésbica**. Universidade livre feminista, fev.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.